

As raízes antropológicas da arte absorvem, fixam, conduzem e armazenam a necessidade intrínseca do ser humano de comunicar, ritualizar e dar sentido à sua existência. Desde uma perspectiva original, a criação não nasceu como objeto de decoração ou entretenimento, mas como um meio fundamental de sobrevivência sensível, cognitiva e social da espécie.

A arte paleolítica e tribal exercia três funções coletivas: magia e propiciação ritual; coesão social e mitologia; pensamento simbólico e cognição. Na sua evolução, o fato artístico percorre o trajeto do sagrado ao estético, deixando em evidência poder e divindade; humanismo e individualismo; autonomia e estética, até alcançar a performance radical dos dias de hoje, fortemente influenciada pela globalização, pela tecnologia e pelo mercado.

Nesta edição, destaca-se o modo como as intervenções urbanas e a performance procuram recuperar a essência antropológica primitiva, tirando a arte de lugares fechados para devolver à experiência estética a coletividade do ritual na esfera pública. Sendo assim, o artigo de abertura, “Claudia Andujar e a luta coletiva dos Yanomamis”, remete-se às reverberações dos projetos e trabalhos desenvolvidos a partir da ancestralidade da tribo.

“Artisticidade e criptemologia: quando arte e ciência se (re)encontram” se ancora na teoria corpomídia, pensando a singularidade e seus modos de existir, assim como a discussão de gênero, neurodiversidade e estados que evidenciam a fenda criativa nos processos de subversão. Nessa linha, “Mal de arquivo — Pietro Bardi — MASP” posiciona o design, a identidade cultural e a diversidade brasileira sob este eixo fenomenológico, social e estético na consolidação do museu pioneiro neste campo de conhecimento experimental. Por sua vez, “Ódio e história” apela à Psicologia Evolucionista dos contratos de sobrevivência a partir de leituras críticas do darwinismo social.

Mais adiante, “A pinacoteca na encruzilhada de uma América: arte negra nas exposições da Pinacoteca de São Paulo” traz à tona outra ancestralidade: a presença negra na arte, que tensiona fronteiras entre arte, rito e identidade no espaço museológico. Em seguida, “Reflexões sobre arte e vida” convoca a esfera das relações humanas como o lugar propício da obra de arte nas formulações de Nicolas Bourriaud, resgatando a noção de intersubjetividade e interação no contexto histórico dos anos noventa.

O panorama avança com “Arte urbana e cultura de rua na São Paulo dos anos de 1980: circulação da cena independente e construção de linguagens visuais no período pré-digital”, que examina a cultura visual underground na cidade de São Paulo, salientando a produção gerada na transição política do final da ditadura militar. Analisam-se, assim, manifestações do *graffiti*, da pichação, de fanzines e cartazes, entre outros suportes de comunicação simbólica, mediados por processos de apropriação, reinvenção e antropofagia cultural.

Ainda que os formatos da arte tenham se iniciado nos pigmentos minerais sobre a pedra, atravessando o tempo e o espaço até alcançar os *pixels* das telas na criação de novos ecossistemas de sustentabilidade, a arte segue cumprindo a mesma função antropológica original: fazer visível o invisível e conectar o mundo interno do indivíduo com a sua comunidade na contemporaneidade digital.